

Multiculturalismo e formação docente: experiências em um Instituto Federal

Ivan Fortunato¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre a relação entre educação e multiculturalismo, especificamente na formação inicial de professores. O propósito principal é analisar, pela lente da teoria que propõe meios de fomentar o multiculturalismo na educação escolar, experiências didáticas desenvolvidas com licenciandos junto a distintos lugares da educação formal e não-formal. No artigo, além do diálogo com a literatura a respeito da relação educação-cultura, são descritas quatro atividades realizadas por e com estudantes da formação inicial de professores, que tinham como meta promover o encontro de diferenças culturais. Ao final, espera-se que este relato de experiência colabore com as discussões a respeito de tema tão complexo, que é a relação entre educação e multiculturalismo.

128

Palavras-chave: Educação. Licenciatura. Multiculturalismo.

¹ Ivan Fortunato/ivanfrt@yahoo.com.br/ Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias e Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Coordenadoria de Formação Pedagógica, Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga – IFSP. Programa de Pós-Graduação em Educação – UFSCar Sorocaba. <http://orcid.org/0000-0002-1870-7528>

Abstract: This paper aims to present reflections on the relationship between education and multiculturalism, specifically at the initial teacher education. The main purpose is to analyze, through the lens of the theory that proposes ways of fostering multiculturalism in school education, didactic experiences developed with undergraduate students at different places of formal and non-formal education. In the paper, in addition to the dialogue with the literature regarding the education-culture relationship, there are the description of four activities developed by and with students of initial teacher education, aiming to promote the encounter of cultural differences. In the end, this experience report is expected to collaborate with the discussions on such a complex issue, which is the relationship between education and multiculturalism.

Keywords: Education. Undergraduation. Multiculturalism.

Apresentação e contexto

Parto da afirmação de que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Nesse sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura(s). Esses universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de sua íntima articulação (CANDAUI, 2008, p. 13).

Este texto tem como objetivo refletir sobre a relação entre educação e multiculturalismo à luz de práticas desenvolvidas na formação de professores. Trata-se de um relato de experiência que tem sido usado há algum tempo como método de pesquisa, no qual se vai além da descrição do ocorrido, fazendo uso de situações do cotidiano educacional vivido para promover e provocar a reflexão (FORTUNATO, 2018a). Assim, as experiências aqui descritas e analisadas foram realizadas na formação inicial, nos cursos de licenciatura em física e no programa especial de formação pedagógica², do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus Itapetininga, entre o primeiro semestre letivo de 2017 e o primeiro de 2018. Apesar de o tema ser muito mais amplo e demandar reflexão constante dos professores em atividade, o foco aqui passa a ser a formação inicial. Isso porque esse é o momento em que futuros professores ainda estão na fase nomeada por Füller (1969) como “pré-serviço”, o que significa que ainda não identificam problemas da docência. Isso quer dizer que estudantes da licenciatura geralmente não exibem preocupações relacionadas com o exercício profissional, exceto, como coloca o autor, ansiedade a respeito do que ouviram falar, tais como intensa indisciplina e falta de interesse dos estudantes.

Segundo Füller (1969), portanto, são as preocupações da docência que potencializam o progresso entre as fases de desenvolvimento da carreira, que começa centrada em si, buscando domínio de conteúdo e da classe, e avança até a responsabilidade com o efetivo aprendizado dos estudantes. Assim, o autor indicou que o momento da licenciatura é a fase pré-serviço, portanto, sem preocupações. Nesse sentido, a formação inicial pode não fazer logar os pressupostos expostos na

² Ancorado na resolução CNE/CEB no 2/97, este programa especial habilita, com algumas restrições, seu egresso a ser professor, tal qual uma licenciatura plena (art. 10). Portanto, deve ser considerado um curso de formação inicial de professores.

epígrafe, por Candau (2008), a respeito de uma educação vinculada às questões culturais. Afinal, se um estudante não apresenta preocupação alguma a respeito do exercício da atividade docente, porque não a exerce, momentos retóricos durante as lições tomadas nas aulas de graduação tendem a ter efeito mínimo na prática profissional futura. Isso significa que, embora os licenciandos façam parte de um complexo meio social e político, e estejam imersos na relação educação-cultura(s) como estudantes, a responsabilidade de guiar esse processo é algo futuro, logo incerto. Por isso, ler e ouvir a respeito pode até ser algo instigante, motivando uma prática hipotética, pois, na fase pré-serviço, apenas existem suposições da docência.

Dessa forma, é importante destacar que questões a respeito do multiculturalismo fazem parte de várias disciplinas das licenciaturas, nas quais se discutem distintas práticas culturais, religiosas, aspectos étnicos, regionais, locais, gênero, sexualidade etc. Nessas disciplinas, ainda, apresentam-se as formas complexas como essa diversidade se cruza e se faz presente no ambiente escolar. Aos estudantes, são apresentadas discussões pautadas, por exemplo, em Munanga (2010), que relaciona o multiculturalismo com lutas e movimentos sociais contra o racismo, o machismo e a segregação de classes, definindo-o como “a existência de conjuntos culturais fortemente constituídos, cuja identidade, especificidade e lógica interna devem ser reconhecidas, mas que não são inteiramente estranhas umas às outras, embora diferentes entre elas” (p. 41). Por isso, o autor propõe uma pedagogia multicultural, baseada em políticas de respeito e de reconhecimento das diferenças, visando “contribuir para a construção de uma cultura de paz e para o fim das guerras entre deuses, religiões e culturas” (MUNANGA, 2014, p. 35).

Na mesma direção, Canen e Xavier (2011) apresentam o multiculturalismo como um campo resultante de lutas travadas contra preconceitos, que deve se configurar como teoria e política, para uma educação que valoriza a pluralidade no cotidiano escolar. Para as autoras “isto significa desvelar, questionar e superar os mecanismos que forjam as desigualdades e calam sujeitos e grupos oprimidos, privilegiando projetos, práticas e espaços que permitam sua valorização, seu resgate e sua representação” (p. 642).

Candau (2008) também afirma que é preciso considerar que somente se fala tanto em multiculturalismo na educação por causa de longas batalhas travadas pelos movimentos sociais contrários à massificação, à homogeneização

e à exclusão do diferente. Isso quer dizer que os movimentos de inclusão (das mulheres, dos negros, dos homossexuais etc.) têm possibilitado que a escola passe a considerar a realidade “do outro” nos processos educativos. Segundo a autora, existe uma fórmula para potencializar a educação multicultural, a qual implica: reconhecer a própria identidade cultural de onde a escola está situada; identificar a representação dos outros, ou seja, como se percebe quem é diferente do contexto da escola; e compreender, na escolarização, o que ela chamou de “processo de negociação cultural”, que nada mais é que um processo de compreensão, tolerância e aprendizado com as diferenças. Segundo a autora, a “negociação cultural” é uma lente específica para compreender o multiculturalismo nas e das práticas pedagógicas, envolvendo dois grandes aspectos, sendo o primeiro a necessidade de evidenciar (para contextualizar, criticar e transformar) o aspecto histórico-social do currículo. Já o segundo pressupõe conceber a escola, ou de forma mais ampla, o local de educação, como um espaço de produção cultural, onde há um complexo cruzamento de culturas.

Essa fórmula é uma proposta bastante significativa para o processo de amadurecimento de práticas pedagógicas que compreendem a relação educação-cultura(s), contudo, não faz parte do cotidiano livre de preocupações da formação inicial. Isso porque não se torna possível pensar em uma identidade cultural de uma escola que apenas se conhece nas situações simuladas, apresentadas nas aulas da licenciatura, assim como não se consegue conceber uma percepção do outro, quando este outro é alguém hipotético. Isso, por consequência, inibe a negociação cultural, pois não se tem a identidade própria, nem a do outro.

Não há dúvidas, portanto, que pensar a relação entre educação e multiculturalismo implica transformações na escola, mudanças de currículo, de práticas culturais, datas comemorativas, festividades etc. Fica patente, ainda, que é preciso reconhecer, compreender, aceitar e partilhar as diferenças no cotidiano da escola. Contudo, para os estudantes da formação inicial de professores, que estão na fase de pré-serviço, tais argumentos podem não se inscrever em seu cotidiano vivido, tornando-se mera alegoria da teoria pedagógica (cf. FORTUNATO, 2018c; 2017a).

Ao admitir, portanto, que a formação inicial de professores pode não provocar inquietações concretas da docência, foi preciso criar uma estratégia didática capaz de possibilitar que estudantes de licenciatura, cuja parte de

sua formação inicial está sob minha responsabilidade no IFSP Itapetininga, vivenciem, ainda na graduação, as preocupações docentes. Indo além de situações hipotéticas, criadas para que os estudantes possam experimentar desafios do cotidiano escolar, foram apresentadas situações concretas, mapeadas a partir da relação direta com diversos lugares da educação (escolas da educação básica, de ensino técnico, instituições do terceiro setor e do sistema prisional etc.). Tais situações foram introduzidas nos planos de aulas, de disciplinas como didática e prática docente, e tornaram-se parte do fundante do aprendizado sobre a docência. Essa estratégia, delineada com profundidade em outro ensaio (FORTUNATO, 2018c), pressupõe o relacionamento com instituições de educação formal e não-formal, com o objetivo de fornecer contundente espaço de formação bilateral, no qual ambas se beneficiariam pela oportunidade de ensinar e aprender uma com a outra (e vice-versa). O contato inicial serve para estabelecer o contexto de ação, gestado a partir de alguma dificuldade ou oportunidade de melhora identificada pela própria instituição. Na sequência, desenvolvem-se as atividades formativas até o momento de avaliar e refletir sobre todo plano e sua execução. Aqui, neste ensaio, interessa ponderar como esse tipo de trabalho educativo, realizado na formação inicial de professores, pode colaborar com a intrínseca relação entre educação e cultura(s).

Seguindo a fórmula proposta por Candau (2008), é preciso promover a negociação cultural, a qual somente é possível se houver o reconhecimento de si e do outro. Torna-se imprescindível, portanto, que existam encontros das diferenças, no cotidiano escolar, para que estas sejam identificadas, aprendidas e respeitadas. Para promoção de encontros culturais, iniciamos, a partir do IFSP, um trabalho de andanças e paradas por diversos lugares da educação. Foram escolhidas instituições parceiras que atendessem a três critérios: (1) fosse um local de educação formal ou não formal, (2) houvesse diversidade no nível e modalidade de ensino e, o mais importante, (3) estivesse disposta a oferecer um local ótimo de aprendizado da docência a futuros professores. Assim, o trajeto incluía uma escola municipal dos anos iniciais do ensino fundamental; quatro escolas estaduais (em três cidades diferentes da região de Itapetininga, incluindo uma escola na zona rural), com classes dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio; uma escola técnica estadual; duas organizações não governamentais, com objetivos de fortalecimento de vínculos sociais, sendo uma dedicada para o atendimento de crianças e outra

de adolescentes; e o Centro de Ressocialização, da Secretaria de Administração Penitenciária. Dessa maneira, havia uma miríade de possibilidades para que a docência pudesse ser compreendida de uma forma mais ampla e complexa, sendo observada e vivida em múltiplos contextos culturais distintos.

Todo esse trajeto foi percorrido em três semestres letivos, a partir do primeiro de 2017, com distintas turmas da formação inicial de professores. Em cada uma delas, diferentes abordagens foram tomadas, mas sempre com o propósito duplo de aprender com o lugar, mas também de ensinar. Afinal, a negociação cultural envolve justamente essa troca, na qual se deve reconhecer as diferenças no outro, e vice-versa. Assim, com o propósito de evidenciar como essa estratégia didática pode promover negociações culturais, quatro experiências mais significativas são apresentadas a seguir. Espera-se, com elas, revelar uma (dentre tantas possíveis) maneira de se promover a fórmula da educação multicultural proposta por Candau (2008).

Experiência um: o ensino de física e as crianças

Essa experiência foi desenvolvida numa organização não governamental (ONG), localizada próxima ao IFSP Itapetininga, criada para o atendimento a crianças em situação de vulnerabilidade. Nessa ONG existem atividades diversas, como aulas de música, pintura, artesanato, dança, grafite, reforço escolar etc., além de passeios culturais e atividades esportivas. Existem critérios para que as crianças possam frequentar o espaço, sendo indispensável sua presença na escola regular.

As atividades que desenvolvemos nessa ONG fizeram parte da disciplina de didática, do curso de licenciatura em física, no primeiro semestre de 2017. O objetivo principal era oferecer aos licenciandos um lugar concreto de educação, para que pudessem aprender, observando e intervindo no cotidiano, distintas maneiras de se ensinar. Foi uma estratégia pensada para elevar o que já se fazia em didática: aulas simuladas de física, para licenciandos em física. Assim, o contato com estudantes da educação básica seria uma forma concreta de se perceber as nuances dos métodos de ensino aprendidos na formação inicial de professores.

Foram pensados em rudimentos da ciência para serem ensinados, por meio de oficinas interativas, nas quais as crianças poderiam desenvolver o próprio experimento, tais como o Disco de Newton e a Câmara Escura³. Ao total, foram

³ Esses experimentos podem ser consultados em <https://www.manualdomundo.com.br/>, acesso maio 2018.

quatro encontros. Nestes, os licenciados tiveram a oportunidade de vivenciar a didática numa situação legítima de ensino. Contudo, pode-se dizer que o maior aprendizado nessa experiência não foi o desenvolvimento de técnicas de ensino e da aplicação de oficinas de física, pois foi possível desmistificar coisas importantes, como o fato de que as crianças conhecem (e são capazes de aprender) ciência, mesmo que ainda não tenham tido contato na escola (FORTUNATO et al, 2017b). Outra coisa fundamental foi poder conhecer, embora brevemente, diferentes histórias de vida, de crianças que vivem em contextos muito distintos, mas que se encontram no cotidiano vivido de um lugar de educação. As crianças, além de noções de ciência, também puderam conhecer pessoas com jeitos diferentes, interessadas em ensinar.

Experiência dois: a capoeira como ensino cultural

Essa experiência foi realizada a partir da iniciativa de um licenciando em física, praticante de capoeira há mais de oito anos, que apresentou, numa aula da disciplina de prática docente, a seguinte dúvida: poderia o ensino da capoeira potencializar a prática de uma educação multicultural? Sua hipótese partiu da história da capoeira, que coincide com a história dos escravos brasileiros; isso sem contar toda a matriz africana de crença e religião que permeia a construção da capoeira como uma prática cultural.

Indo além da revisão de literatura, que deu suporte à hipótese, foi preciso verificar como seria ensinar capoeira não apenas pelos movimentos da dança/luta, mas pela sua apresentação como manifestação cultural. Durante alguns meses ao longo do segundo semestre de 2017, foi-lhe dada a oportunidade de partilhar seus saberes com adolescentes que frequentavam uma ONG constituída para o fortalecimento de vínculos socioculturais. Acompanhado de dois colegas, praticantes da capoeira como arte, a experiência desenvolveu-se além do esperado (CORREA et al, 2017). Isso porque, ao invés de somente ensinar, os estudantes estiveram imersos em um local em que puderam aprender novas práticas culturais: as músicas que se escutam no bairro, jeitos de se vestir, de cumprimentar, gírias etc.

Assim, enquanto levavam a capoeira como uma manifestação cultural muito densa, puderam reconhecer manifestações culturais da própria cidade, que lhes eram novidade. Neste projeto, pode-se dizer que houve intensa negociação

cultural, na qual os adolescentes tiveram a oportunidade de perceber a capoeira muito além de um conjunto de movimentos de luta e/ou dança, ao passo em que os licenciandos puderam perceber que a educação não pode ser mono, mas efetivamente multicultural. Pois, enquanto partilhavam a relação histórica e cultural da capoeira, podiam aprender jeitos distintos, por exemplo, de falar e de aprender.

Experiência três: a sensibilização como prática multicultural

A finalidade da educação é, como expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394 de 1996 “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (art. 2º). Ao tomar como certa essa finalidade, torna-se indispensável a presença de ações educativas em locais de ressocialização, como o sistema penitenciário. No Brasil, a educação de sentenciados é lei, e tem sido desenvolvida, apesar de alguns entraves, conforme detalhada por Pereira (2018). Mas, para quem nunca teve acesso a uma unidade prisional, torna-se muito difícil compreender como é a educação nesses locais.

A existência de duas penitenciárias e de um Centro de Ressocialização (doravante CR) em Itapetininga permitiu a aproximação com esse universo da educação. O primeiro contato, realizado no último quartil de 2017, foi por meio de uma ação educativa de extensão, na qual foi possível falar para mais de uma centena de reeducandos do CR sobre a importância, as modalidades e níveis da educação formal, além dos meios de acesso aos cursos profissionalizantes, técnicos e/ou superior. Do sucesso dessa primeira intervenção, relatado pela direção do CR, surgiu a possibilidade de continuidade e expansão do processo educativo, no ano seguinte.

Foi apresentada, na disciplina de seminários de prática docente, do Programa Especial de Formação Pedagógica, a oportunidade de partilhar da ação educativa a ser desenvolvida no CR. A proposta era apresentar o sistema educacional aos licenciandos, com a possibilidade da realização de uma intervenção educativa realizada pelos estudantes, caso tivessem interesse. Meia dúzia de estudantes manifestou vontade de conhecer o local e sua forma de trabalhar a educação como ressocialização.

A primeira visita coletiva ao CR incluiu um bate-papo com a direção e o responsável pela educação no local, a respeito de como funciona (ou deseja-se

que funcione) todo o processo educativo. Além da Educação de Jovens e Adultos regular, níveis fundamental e médio, oferecida pelo governo estadual, há um entendimento da gestão de que a educação precisa ir muito além, com atividades extracurriculares profissionalizantes e culturais. Na sequência dessa preleção, fomos convidados a conhecer todo o complexo, incluindo a biblioteca, as salas de aula, os pavilhões de trabalho⁴, o refeitório e as celas.

Ao conhecer o local, sua infraestrutura e vida cotidiana, os estudantes da formação inicial de professores puderam perceber a cultura local, desmistificando preconceitos construídos. Principalmente, foi compreendido como a educação se insere, neste contexto específico, como meio fundamental para exercício da cidadania e (re)inserção no mercado de trabalho, pela qualificação. O resultado dessa inserção cultural no Centro de Ressocialização foi um projeto nomeado de ciclo de palestras para o trabalho, no qual os licenciandos estruturaram, a partir de seu conhecimento e experiência de mercado, apresentações a respeito do direito do trabalho, empreendedorismo e gestão do próprio negócio. Dessa forma, aprenderam com o local como o Estado realiza ações educativas para ressocialização e, em troca, ensinaram parte do que sabem a respeito do mercado de trabalho.

Experiência quatro: compreender a escola como lugar de encontro das diferenças

Essa experiência é a mais recente e aconteceu no contexto da disciplina de didática, no curso de licenciatura em física. Tendo sido convidado pela Diretoria de Ensino da Região de Itapetininga, a participar de atividades formativas para professores e estudantes do ensino médio de várias escolas, resolvi estender o convite aos licenciandos interessados em conhecer realidades concretas das escolas públicas. Apesar de várias experiências terem sido desenvolvidas nos últimos semestres, esta vivência particular merece destaque pelo alcance significativo em termos de negociação cultural.

Fomos convidados a falar com o corpo docente e os estudantes do último ano do ensino médio sobre educação em uma escola 35 quilômetros distante do centro, em um distrito de pouco mais de três mil habitantes. Com os professores o

⁴ Há linhas de montagem, mantidas por indústrias locais e da região, que contratam os serviços dos reeducandos.

teor da conversa foi a respeito da motivação para o trabalho que deve ser orientado pelo aprendizado dos estudantes. Aos jovens do último ano de escola apresentamos a importância de seguir trilhando o caminho pela escolarização, seja no ensino técnico e/ou superior, além de expor possibilidades de instituições de ensino nos arredores.

Na ocasião participaram quatro licenciandos deste encontro sendo fundamental sua presença. Isso porque houve a oportunidade de os estudantes da formação de professores poderem conversar com estudantes do ensino médio a respeito de futuro e carreira. Cada licenciando contou sua trajetória até o ingresso no curso de graduação escolhido e a própria diversidade dos licenciandos revelou, coletivamente, que a educação é o local de encontro das diferenças, dos diferentes e do outro. Os jovens da escola puderam ouvir experiências positivas a respeito da vida como estudante de graduação, ao passo em que os futuros professores tiveram a oportunidade de conhecer os anseios daquele grupo escolar.

Essa vivência concreta, no chão da escola, foi profícua, pois pode elucidar para todos nós (professores, estudantes, gestores), que o multiculturalismo é algo efetivamente cotidiano. Dessa forma, essa particular experiência forneceu importantes evidências de que, conforme anotou Skiliar (2003, p. 46), “a mesmice da escola proíbe a diferença do outro”. Reconhecer e respeitar o outro implica, portanto, em superar a mesmice do sistema escolar que impõe as mesmas atividades, ao mesmo tempo, para todos os estudantes.

A negociação cultural e o multiculturalismo das/nas experiências educativas

Os educadores e educadoras estão chamados a enfrentar as questões colocadas por esta mutação cultural, o que supõe não somente promover a análise das diferentes linguagens e produtos culturais, como também favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos disponíveis na comunidade escolar e na sociedade (CANDAU, 2008, p. 25).

Ao tratar da negociação cultural como uma prática pedagógica processual, Candau (2008) reiteradamente chama a atenção para as diferenças culturais existentes e presentes no cotidiano escolar. Isso é algo bastante evidente, mas que se torna irrelevante e/ou invisível na medida em que o objetivo da escola segue sendo apenas o da preparação cognitiva para exames finais, de admissão e/ou

supostamente para o mercado de trabalho. Na epígrafe, vimos a autora reforçando o papel fundamental que educadores e educadoras têm diante a necessidade de se pensar e compreender as diferenças culturais, além de promover meios de encorajar o que foi qualificado como mutação cultural: quando diferentes sujeitos de culturas diversas se encontram, deve-se esperar nada além de uma transformação – a educação escolar, por outro lado, se fecha a isso quando não se discute a diferença, mas, segue apresentando colocações pronominais, conforme a página do material didático, ou a distribuição dos elementos na tabela periódica, por exemplo.

Diante disso, verificou-se um problema de longa data a respeito da relação entre o multiculturalismo e a formação de professores, pois, no período pré-serviço da licenciatura, as duas coisas acontecem de forma separada: as diferenças culturais são esmiuçadas em uma disciplina sobre sociologia e/ou política, enquanto formas de compartilhar o teorema de Pitágoras ou sobre bacias hidrográficas são tratadas em disciplinas de didática e/ou práticas de ensino. Mas, ainda que se descobrisse uma prescrição para que não houvesse tal segregação disciplinar, os licenciandos ainda estariam vivendo a ausência de preocupações docente, que é inerente à fase pré-serviço.

Por isso, foi estabelecida a estratégia de ensinar futuros professores por meio do contato direto com lugares da educação, dando-lhes responsabilidades da docência, como forma inicial de vivenciar diversas preocupações da profissão. Dentre essas, a perspectiva do multiculturalismo, renunciada, no final do século passado por Moreira (1999), como uma das “duras questões” a serem enfrentadas pela escola, junto com outras questões axiológicas, éticas e de trabalho – tudo isso impulsionado pela globalização. Para que se efetive (e renove) uma prática pedagógica consciente de sua missão educativa, Moreira e Câmara (2008) delinearum um rol de propostas para se lidar com diferenças em sala de aula, incluindo o aumento da consciência a respeito da opressão, o estudo da tipologia da discriminação e do preconceito, o desenvolvimento de uma imagem positiva dos outros, a compreensão histórica da segregação etc. Operacionalizar essa renovação pedagógica, contudo, tem permanecido no campo retórico da formação de professores. É preciso, conforme propõe Canen (2001), investir numa formação docente para a diversidade cultural, sendo que isso acontece quando se está imerso nas escolas – de forma etnográfica, sugere a autora.

Assim, visitar lugares da educação, com o propósito de vivenciar a docência, tem se demonstrado uma maneira fértil de estimular, dentre outros, esse rol proposto para se conhecer, compreender e respeitar a diferença. Isso porque estar em diferentes locais, com o propósito de neles ensinar e aprender, estimula a negociação cultural proposta por Candau (2008), pois o que vai ser ensinado é sempre colocado num amplo contexto histórico, social e político, como fizemos com a física, com a capoeira, com o mercado de trabalho e com a educação formal, respectivamente nas quatro experiências aqui exploradas. Da mesma forma, as nuances de cada instituição, mas, principalmente dos coletivos que tivemos a oportunidade de trabalhar em conjunto foi fundamental para aprender sobre as diferenças; aprendemos quando as crianças revelam perceber a ciência no cotidiano antes do estudo formal na escola, e com os jovens que respeitam e querem aprender sobre a capoeira não somente como movimento corporal, mas como uma manifestação cultural. Tomamos lições fundamentais a respeito da sociedade em que vivemos quando estivemos imersos no CR, e dos desafios da educação para ressocialização, assim como a troca entre os jovens licenciandos e os estudantes do ensino médio do distrito periférico, ajudou a evidenciar o quanto a diferença está presente no cotidiano escolar.

Considerações finais

Este artigo buscou tratar da relação entre multiculturalismo e a formação de professores a partir da reflexão da prática. Ancorado nas ideias de Füller (1969) a respeito das preocupações docentes como catalizadoras do desenvolvimento profissional, experiências concretas nos lugares da educação foram levadas a cabo por licenciandos (ou, docentes em uma fase pré-serviço). Com foco no multiculturalismo, particularmente na negociação cultural pela concepção de Candau (2008), quatro experiências efetivadas em distintos locais foram descritas e analisadas. À sua maneira, cada uma dessas experiências foi possibilitando que os licenciandos tivessem contato com situações concretas da docência. Quando incluídos no processo educativo, pelo ensino da física, pela capoeira e pelo empreendedorismo, a proposta era que pudessem vivenciar preocupações da docência ainda na formação inicial. Até mesmo a experiência pontual, de partilhar histórias de vida com os estudantes do ensino médio, ajudou a perceber, ainda

que de forma bastante incipiente, as preocupações de um professor em exercício. O objetivo, como delineado no começo, era potencializar o desenvolvimento da carreira docente, estimulando-os a tomar uma parte do cotidiano vivido da escola. Além disso, pois os distintos contextos permitiram não apenas tomar ciência dos problemas da docência, tirei o mas estimular a percepção das diferenças. Parece que dessa maneira, desenvolvemos substancial trabalho a respeito do multiculturalismo que, conforme delineado por Oliveira et al. (2017),

[...] não seria baseado em um relativismo total como é pregado, nem na essencialização das diferenças, mas seria uma maneira de compreender as diferenças existentes, as diferentes formações identitárias e os discursos e argumentos que perpetuam e/ou desafiam visões estereotipadas e preconceituosas, em práticas de ensino e de formação docente (OLIVEIRA et al, 2017, p. 279).

A guisa de conclusão, reitera-se que a relação educação e multiculturalismo é complexa demais e deve, constantemente, ser reforçada aos professores, tanto na formação inicial quanto na formação continuada e/ou em exercício. Trata-se de tirar o outro da invisibilidade e do silêncio, e promover meios de negociação cultural que ultrapassem a mera noção de que existem diferenças, mas, de permitir que estas se encontrem e convivam. Para promover alguns desses encontros, buscou-se partilhar uma maneira de se desenvolver a experiência concreta e multifacetada da escola ainda na formação inicial de professores. O que se espera é que essa estratégia didática ajude a fomentar as discussões sobre educação e multiculturalismo, e fica melhor que possibilite criar formas ainda mais profícuas de se promover a formação inicial de professores, especialmente para intervenções positivas e necessárias no cotidiano escolar.

Referências

CANEAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Flávio; CANEAU, Vera Maria (org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.

CANEN, Ana. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 77, p. 207-227, 2001.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. **Revista**

Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 16 n. 48, p. 641-661, 2011.

CORREA, Mateus Tofoli et al. A prática da capoeira como ensino cultural: relato de experiência. III Encontro de Práticas Pedagógicas, UFSCar. Sorocaba: **Anais...**, 2017.

FORTUNATO, Ivan. O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In: FORTUNATO, I.; SHIGUNOV NETO, A. (org.). **Método(s) de pesquisa em educação**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018. p. 37-50.

FORTUNATO, Ivan. Caminhos da formação na licenciatura: de estudante a docente. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 14, n. 27, p. 212-228, jan./mar. 2018b.

FORTUNATO, Ivan. A didática na formação inicial de professores: relato de experiência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 1, p. 269-276, jan./mar., 2018c.

FORTUNATO, Ivan. Tornar-se professor: reflexões iniciais sobre um percurso paradoxal. **South American journal of basic education, technical and technological**, Rio Branco (AC), v. 4, n. 1, p. 4-9, 2017.

FORTUNATO, Ivan et al. Projeto de ensino: a ciência pelos olhos das crianças. **Folha de Itapetininga**, Itapetininga, p. 2, 25 abr. 2017.

FÜLLER, Frances F. Concerns of teachers: a developmental conceptualization. **American Educational Research Journal**, Washington (DC), v. 6, n. 2, p. 207-226, 1969.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. Multiculturalismo, Currículo e Formação de Professores. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org.). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papirus, 1999. p. 81-96.

MUNANGA, Kabengele. A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças. **Crítica e Sociedade**, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 34-45, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade cultural. **Cadernos PENESB**, Niterói, n. 10, p. 37-54, 2010.

OLIVEIRA, Renato José de et al. Contribuições de estratégias didáticas multiculturais e argumentativas para a formação de professores. **Educação Unisinos**, São Leopoldo/RS, v. 21, n. 3, p. 277-285, set./dez., 2017.

PEREIRA, Antonio. A educação de jovens e adultos no sistema prisional brasileiro: o que dizem os planos estaduais de educação em prisões? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão/SE, v. 11, n. 24, p. 217-252, jan./mar. 2018.

SKILIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 37-49, 2003.